

EDITORIAL

No dossiê intitulado “Materialismo e a tradição filosófica” neste volume da revista *Dialectus*, poderemos ter contato com textos sobre o materialismo tanto na Modernidade como na Contemporaneidade, apresentados por docentes pesquisadores(as) brasileiros(as) e internacionais. Perpassando do século XVIII ao século XX, o pensamento materialista se metamorfoseia e se renova quando revisitado tanto por autores das *Lumières* como seu desdobramento na filosofia contemporânea a partir do momento que se torna seu objeto de estudo e, de alguma maneira, constituindo parte da história do materialismo quando o trazem à tona para desenvolverem algum ou alguns temas filosóficos específicos. Nesse sentido, os trabalhos apresentados aqui nos colocam diante da pluralidade de leituras, sentidos e percepções sob a ótica materialista que, por outro lado, apesar da diferença entre esses materialismos – em seus diversos aspectos como o físico, cosmológico, psicológico e histórico, por exemplo - nos fazem ver a unidade temática que compõe aqui a presente coletânea, apoiada na principal característica de uma filosofia materialista: a rejeição de tudo o que quer introduzir na concepção do real “um espírito divino, humano ou outro [...] ou de um pensamento objectivo ou objectivado, forma ou ideia estranha e/ou superior à matéria”¹

No primeiro texto, da professora Camila Milek, o objeto de estudo é a crítica de Diderot à Helvétius, mostrando especificamente qual o núcleo duro da crítica de Diderot, a saber, as suas diferentes concepções de materialismo e no que isso poderia implicar na esfera social. Assim sendo, a pesquisa consiste em mostrar o que existe nos materialismos de ambos os filósofos no que tange à educação e, posteriormente, mesmo tendo similaridades em relação ao ponto de partida, mostrar que tomam caminhos diferentes. A autora justifica a escolha do tema entendendo que a educação vai para além de teorias filosóficas uma vez que almeja inserir-se nas práticas sociais, evidenciando tanto as consequências praxiológicas do pensamento materialista como a concepção de sociedade idealizada por Diderot e Helvétius. Dessa maneira, se Helvétius, tratando como coisas distintas natureza e cultura, vai em direção a uma educação igualitária seja no acesso à mesma seja em suas práticas, prima pela formação da cidadania dos indivíduos que,

¹ BLOCH, O. *O materialismo*. Tradução de Emílio Campos Lima. Mem Martins, Sintra: Publicações Europa-América (Coleção “Saber”), 1987, p. 22.

mesmo voltados para a vontade geral, nem por isso deixam seus anseios particulares de lado; por sua vez, Diderot defende uma educação direcionada ao desenvolvimento cognitivo dos indivíduos através de suas habilidades específicas, classificando-as e, como resultado, alcançando uma forma de equilíbrio social devido à boa relação entre os mesmos.

Em seguida, temos o texto da professora Elizângela Mattos que trata da noção de remorso na filosofia de La Mettrie. Este, entendendo que a materialidade da alma e do corpo é uma máquina destinada à felicidade, nas entrelinhas desse argumento mostra a indistinção entre corpo e alma, descrevendo que se todas as partes do corpo são afetadas, a alma também seria. Tal argumento é o marco inicial do objeto de estudo da autora, que almeja entender como se dá o remorso no pensamento de La Mettrie, definindo-o como uma reminiscência ou, em outros termos, como a consequência direta de uma experiência vivida. Da descrição da atuação moral da máquina o filósofo materialista se propõe a demonstrar que o sentimento do remorso é um preconceito a ser enfrentado para o seu bom desempenho, uma vez que naturaliza a alma humana e entende que o remorso é um sentimento obtido e estranho à máquina. Dessa maneira, afastando-se do dualismo mente-corpo característico do racionalismo do século XVII, La Mettrie mostra como tal distanciamento teve como resultado fundamentalmente ser possível a felicidade tão e somente alocada no corpo, o que nos mostra uma filosofia fundamentada e norteadada pela suficiência da matéria e, conseqüentemente, sublinha que o remorso não é mais do que um preconceito entranhado, um sentimento deslocado em relação à máquina corporal.

Na continuidade dos textos, passamos ao trabalho do professor Jean-Claude Bourdin, cujo tema é o materialismo de encontro ou aleatório de Louis Althusser. Segundo o autor, tal materialismo é diferente seja do idealismo, seja dos materialismos da necessidade e dialético, à medida que rejeita as noções de origem, fim, sujeito, teleologia, princípio de razão e também recusa a negatividade dialética e a contradição. Quando utiliza o vocabulário de Epicuro e Lucrecio, Althusser situa a contingência dos encontros que formam o mundo – a história, as instituições e os dispositivos. Inspirando-se em Maquiavel, o filósofo francês situa esse materialismo na totalidade de sua filosofia que leva o seu pensamento ao que lhe é externo, a saber, as lutas de classe, decorrendo de novas categorias como, por exemplo, o vazio, o centro e suas margens, o encontro, os deslocamentos, o todo na contingência. Assim sendo, o objeto de estudo da pesquisa é mostrar que esse materialismo está para além de um novo materialismo, a partir de uma

análise de uma metáfora do “prato” trazida por Althusser, intentando compreender que tal metáfora significa uma lógica tanto para o materialismo como para o marxismo, uma vez que é afastada de suas teses necessitaristas. O autor enfatiza as peculiaridades do materialismo aleatório/de encontro de Althusser, argumentando e admitindo que é preciso levar em consideração que os elementos desse materialismo exigiam mais precisões, desenvolvimentos e correções. Contudo, e de qualquer maneira, o materialismo de encontro mostra uma tentativa de ir além de Marx e ser o pilar de uma prática filosófica clínica dos tempos atuais, aberta para ações emancipatórias sob todas e quaisquer formas de agir.

O próximo texto, de minha autoria, tratará da concepção de ateísmo no manuscrito clandestino e anônimo do século XVIII intitulado *Jordanus Brunus Redivivus ou Tratado dos erros populares*, que teve uma certa repercussão na marginália filosófica das *Lumières*. O texto alude a um pensador que foi uma das maiores vítimas da superstição, fanatismo e intolerância no século XVI, Giordano Bruno. O título do manuscrito, mesmo reverenciando o filósofo italiano, não menciona uma única vez o seu nome em toda a obra já que, da mesma maneira, não há comprovação de que o autor anônimo tenha lido os textos de Bruno, mesmo que o manuscrito tenha sido visto como a conexão filosófica entre o brunismo desde a primeira metade do século XVII até a segunda metade do século XVIII. Nesse sentido, no texto há uma sequência de ideias progressiva que possibilita encontrar o norte das reflexões do autor, isto é, quando no manuscrito se desenha uma imagem e fundamentação do ateísmo mediante uma incursão não dogmática, mascarada, servindo de solo para o racionalismo ateu que viria posteriormente. A respeito do tema, abordo especificamente a terceira e quarta partes da obra vai tratar diretamente da suposta existência de uma divindade, quando a questiona apontando-lhe diversas objeções e contradições, à luz de um argumento materialista e ateu principal: se a matéria existe, a divindade não existe, já que a existência da matéria é posta, não precisando ser nem deduzida tampouco demonstrada e, se os detratores do materialismo ainda exigirem uma demonstração da inexistência de um deus e todos seus atributos característicos, o autor clandestino afirma categoricamente que a inexistência de uma coisa não precisa ser provada, já que o ônus da prova sempre recai para o lado de quem dogmaticamente a afirma e a defende.

Na sequência dos trabalhos, passo ao texto do professor Pablo Severiano, que tem como de partida uma pergunta: Michel Foucault é um crítico do materialismo ou um

materialista radical? O autor pretende situar o pensamento de Foucault, no que concerne ao materialismo, analisando de uma forma que abarque a tríade das fases de seu pensamento: a arqueologia, a genealogia e a ética. Mais do que isso, ele conclui que além de Foucault ser filiado ao materialismo em seu sentido mais lato e plural, enfatiza que o pensador francês é um materialista radical em todos os momentos de seu pensamento. Pelo viés arqueológico, o autor argumenta que na toma do discurso de Foucault há a concretude e especificidade de seu aparecimento, o que destacaria o materialismo; no que concerne à genealogia, a microfísica do poder foucaultiana quando se insurge contra as consequência hegemônicas geradoras de abstração de Grandes Conceitos e Grandes Coisas, evidenciam a materialidade de um jogo de forças subjugado pela formas oficiais tanto do saber como do poder; e sob um enfoque ético, é argumentado que a relação de si consigo não significa o âmbito da interioridade imaterialista, e sim se dá no campo da produção subjetiva marcada por uma relação com a exterioridade, a alteridade e o fora. Dessa maneira, o autor entende que a concepção de Materialismo Radical de Foucault é relevante para a compreensão precisa de certos traços particulares de seu pensamento e, especificamente, de seu liame com o materialismo.

Por fim, na sua variedade e, ao mesmo tempo, no todo de suas manifestações aqui tratadas no presente dossiê, em primeiro lugar, a filosofia materialista pode ser definida pela seguinte tese, a saber, o ser e a inteligibilidade do mundo originam-se no livre e necessário desenvolvimento deles próprios. São os únicos possíveis de justificarem a sua própria existência. Em outros termos, “o materialismo é uma exigência absoluta de emancipação [...] em tudo libertando-se de uma transcendência quaisquer”², é uma noção que “reflete uma certa condição de relações sociais, caracterizando-se pela necessidade de contestar qualquer autoridade”³ Dessa forma, o materialismo é um pensamento da matéria que a entende como plenamente capaz, e só ela, de gerar e arranjar os diferentes modos de ser. Em segundo lugar, sobre a atualidade do materialismo, longe de “ser um ramo morto do saber e uma metafísica ultrapassada, aparece hoje bem vivo”⁴. E isso se deve a vários motivos: os ataques dos quais é alvo na tradição filosófica e dos anti-materialistas em geral, as críticas que ensaja, os debates que promove, as questões teóricas e práticas relativas ao mundo contemporâneo e que o decorrer de sua história auxilia no seu esclarecimento. Nesse sentido, “é nele, com efeito, que vemos desenharem-se

² CHARBONNAT, P. *Histoire des philosophies matérialistes*. Paris: Éditions Kimé, 2013, p. 42.

³ *Ibid.*

⁴ BLOCH, *op. cit.*, p. 122.

confrontos de tendências e oposições entre as quais são propostas as opções fundamentais do materialismo moderno”⁵, as quais, sem dúvida, vem à tona em toda e qualquer interrogação filosófica, científica, moral ou política.

Boa leitura!

Marcelo de Sant’Anna Alves Primo

Aracaju, abril de 2024.

⁵ BLOCH, 1987, p. 122.